



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

THIAGO SIQUEIRA SILVA

**DO FETICHE À SOLIDÃO: UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA DE  
MULHERES TRANS E TRAVESTIS QUE SE PROSTITUEM**

Juazeiro do Norte  
2021

THIAGO SIQUEIRA SILVA

**DO FETICHE À SOLIDÃO: UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA DE  
MULHERES TRANS E TRAVESTIS QUE SE PROSTITUEM**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior

Juazeiro do Norte  
2021

THIAGO SIQUEIRA SILVA

**DO FETICHE À SOLIDÃO: UMA REVISÃO NARRATIVA ACERCA DE  
MULHERES TRANS E TRAVESTIS QUE SE PROSTITUEM**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior

Aprovado em: 06/07/2021

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Me. Francisco Francinete Leite Junior  
Orientador

Prof. Esp. Marcos Teles do Nascimento  
Avaliador

Prof. Me. Joel Lima Junior  
Avaliador

# **DO FETICHE À SOLIDÃO: uma revisão narrativa acerca de mulheres trans e travestis que se prostituem**

Thiago Siqueira<sup>1</sup>  
Francisco Francinete Leite Junior<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo analisar os efeitos psicossociais sobre as mulheres trans e travestis atuantes do universo da prostituição, como forma de levantar questões relevantes ao referido tema, visto que, atualmente é crescente a discussão acerca de mulheres trans, travestis, sobretudo às que atuam no universo da prostituição. Nesse sentido recorreu-se a uma pesquisa bibliográfica a partir de uma revisão narrativa a cerca de mulheres trans e travestis que se prostituem. Para desenvolvimento desta pesquisa foram realizados também levantamentos bibliográficos em diversas fontes como livros, revistas, periódicos e material disponível na internet, no intuito de alcançar o projeto proposto por esta pesquisa. a marginalização presentes na vida das mulheres trans, travestis reforçam os estereótipos, Esse conjunto de preconceitos, e hipersexualização trazem consequências que impedem o acesso dessas mulheres aos seus direitos básicos e geram fragilidades emocionais. Trazendo à tona a realidade destas mulheres, não tendo como objetivo apenas expor a marginalização e seus efeitos psicossociais mas sobrelevar o quão são resistência se opondo ao status vigente, e que necessitam usufruir dos direitos humanos.

**Descritores:** Fetiche. Solidão. Mulheres Trans. Travestis. Prostituição.

## **ABSTRACT**

The present work aims to analyze the psychosocial effects on trans women and transvestites working in the universe of prostitution, as a way to raise issues relevant to the aforementioned theme, since there is currently a growing discussion about trans women, transvestites, especially those who they act in the universe of prostitution. In this sense, a bibliographical and documentary research was used, based on a narrative review about trans women and transvestites who prostitute themselves. To develop this research, bibliographic surveys were also carried out in various sources such as books, magazines, periodicals and material available on the internet, in order to reach the project proposed by this research. the marginalization present in the lives of trans women, transvestites reinforce the stereotypes. This set of prejudices, and hypersexualization bring consequences that impede these women's access to their basic rights and generate emotional frailties. Bringing to light the reality of these women, not only aiming to expose marginalization and its psychosocial effects, but to overcome how they are resistance opposing the current status, and that they need to enjoy human rights.

**Descriptors:** Fetish. Loneliness. Trans Women. Transvestites. Prostitution.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Email: thiagoaraj.s2016@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da História, inúmeros foram os sinônimos encontrados para identificar a profissional que atua na prostituição, como por exemplo: meretriz, puta, cortesã, quenga, moça leviana, mulher de vida fácil, vagabunda, garota de programa, gueixa, profissionais do sexo e prostituta (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2018).

De modo geral, percebe-se que a história da prostituição teve um percurso repleto de exclusões, de preconceito e de diversas posturas e posicionamentos políticos e sociais. No Brasil, a prostituição esteve associada ao sexo feminino, ao preconceito e à repressão social, sobretudo quando os atores desse cenário são mulheres trans e travestis (SCHELLER, 2017).

É pertinente ressaltar ainda que o desenvolvimento da transexualidade e da transvestilidade toma diferentes "direções", cursos ou caminhos, sendo o principal a falta de uma renda econômica permanente ou segura, para continuar com seu processo de reatribuição de sexo e sua preservação ou seja, no investimento de sua autoimagem, na maioria das vezes sustentadas com hormônio, e até aplicações clandestinas de silicone, e com alimentação especial para mantimento dessa imagem (SCHELLER, 2017).

Para a maioria das pessoas transgêneros que são aquelas que possuem identidade de gênero oposta do sexo designado ao nascer, essas condições exigentes, não é possível continuar com esse processo e a grande maioria para obter renda, recorrem por outros meios, como o trabalho autônomo, principalmente a prostituição, que para muitas, apenas lhes permitem uma sobrevivência para atender aos requisitos mínimos e exigentes necessários à sua vida, ou seja, comida, moradia e demais demandas.

Cumprido ressaltar que o tema da transexualidade tem sido muito discutido nos últimos anos. Em parte, isso é justificado pelo fato de que os casos têm se tornado cada vez mais evidentes na mídia e no convívio social das pessoas, o que está ligado também aos avanços da medicina em relação a cirurgias e tratamentos hormonais direcionados a esses indivíduos.

No entanto, o interesse por tratar deste tema surgiu através da observação de como se dão os discursos sobre esses sujeitos, principalmente nos meios de comunicação, onde se pode observar uma objetificação da mulher transexual e das travestis. Justifica-se pelo interesse pessoal do autor em abordar assuntos que perpassam a comunidade LGBTQIA+ tanto por fazer parte dela, quanto pela percepção de que a luta deve ser constante para desconstruir paradigmas criados em relação à comunidade, uma vez que diariamente tentam marginalizar os corpos trans e travestis, e repulsar a forma que se apresentam.

Além disso, é nítido que além do preconceito em cima de todas as nomenclaturas, as trans e travestis ainda sofrem com uma carga de preconceito e marginalização maior por estarem envolvidas em uma desconstrução de estereótipos empregados pela sociedade que, por sua vez, acaba por colocá-las de lado, os quais, na maioria das vezes encontram como espaço apenas os locais de extrema exposição, desvalorização e perigo, tal como é o campo da prostituição, que por sua particularidade pode resultar em um adoecimento psíquico.

Frente a essa realidade, há necessidade de mais estudos, pesquisas e também de políticas públicas que oportunizem uma recategorização, ressaltando o direito que as mulheres trans e as travestis têm de ocupar todos os espaços, sem ser alvos de fetiche, da solidão e da discriminação imposta pela sociedade.

O trabalho se justifica ainda pela relevância que o tema tem para a sociedade, tendo em vista que, essa temática é muito importante devido ao crescimento que a transexualidade está alcançando todos os dias; tanto é assim que diferentes setores do país estão preocupados com o aumento que essa variante sexual tem em diferentes áreas da sociedade.

Portanto, considerando a relevância da temática suscitada, o presente trabalho apresenta como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Quais os efeitos psicossociais comumente associados entre mulheres transexuais e travestis atuantes do universo da prostituição?

Frente a problemática ressaltada, parte-se da hipótese que as condições vivenciadas pelas mulheres trans e travestis devido a marginalização presentes no seu cotidiano e trabalho geram um elo apenas de corpo e não de corpo e mente objetificando (fetiche) e emitindo fragilidades emocionais, e exclusão (solidão).

Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar as construções psicossociais sobre as mulheres transexuais e travestis atuantes do universo da prostituição, a partir de uma revisão narrativa da literatura. Para tanto, alguns objetivos específicos foram traçados, tais como; discorrer de forma interseccionada gênero e sexualidade em suas especificidades na experiência da transexualidade e travestis atuantes no universo da prostituição; discutir sobre o estigma e discriminação relacionados à vulnerabilidade das mulheres trans e travestis atuantes no universo da prostituição e; refletir sobre os contextos de fetiche e solidão comuns entre mulheres transexuais e travestis atuantes no universo da prostituição.

Cumprido ressaltar que, as informações aqui contidas tendem a auxiliar os indivíduos homossexuais e heterossexuais, fornecendo-lhes subsídios para proporcioná-los oportunidades

de desenvolvimento individual e comportamental, além de contribuir para o esclarecimento de possíveis posicionamentos relacionados à temática suscitada.

Além disso, em uma época com cada vez mais acesso à informação, ainda é possível presenciar com discursos de intolerância e preconceito. Nesse cenário, é importante destacar e falar de assuntos que podem incomodar algumas pessoas, mas que tem o direito a ser respeitado. A transexualidade é um desses temas que causam conversas de lado, mas que precisam ser discutidos por toda a sociedade, sobretudo em questões relacionadas a igualdade de oportunidades, muitas das vezes impactadas pelo preconceito, motivo pelo qual muitas mulheres trans e as travestis adentram ao universo da prostituição.

## **2 METODOLOGIA**

O presente artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa a partir de uma revisão narrativa da literatura, subsidiadas por teorias de autores renomados que abordam claramente o tema em pauta. De acordo com Gil (2010, p.29) “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. Este tipo de pesquisa traz subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectiva foi tratado o assunto apresentado na literatura científica.

A abordagem aplicada neste trabalho foi realizada através do método qualitativo. Um estudo qualitativo procura analisar e interpretar os mais profundos aspectos, visando descrever a complexidade do comportamento humano, fornecendo uma análise sobre as atitudes, hábitos e tendências de comportamento (RICHARDSON, 2012).

Os dados foram coletados por meio de busca nas bases de dados na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC) cujos descritores foram: Fetiche, Solidão, Mulheres Trans, Travestis, Prostituição, os quais serviram como embasamento para o desenvolvimento deste trabalho.

Como critérios de inclusão foram utilizados os artigos com texto disponível na íntegra em português e espanhol publicados entre 2010 a 2020, no entanto foi utilizado alguns livros que antecedem o ano de 2010 devido a relevância para temática, que tratavam sobre o fetiche e solidão de mulheres trans e travestis que se prostituem a partir de uma revisão narrativa.

Como critérios de exclusão, foram eliminados os artigos incompleto, não gratuitos, com restrição de acesso, duplicados nas bases de dados e os que não atenderam aos critérios de inclusão delineados acima.

Este estudo utilizou a técnica de análise de conteúdo de (BARDIN, 1977) seguida a partir de três etapas: a pré-análise, em que foi realizada a organização e leitura do material a partir do resumo dos artigos das bases citadas; a exploração do material com leitura na íntegra dos artigos selecionados a partir dos objetivos propostos e na terceira etapa o tratamento dos resultados, interpretação e categorização dos conteúdos.

### **3 GÊNERO E SEXUALIDADE: CONCEPÇÕES TEÓRICAS**

Desde o final do século XIX, a sexualidade se tornou parte de discursos disciplinares e de poder. Na concepção foucaultiana, o poder não existe, mas sim é produzido historicamente e socialmente através de uma multiplicidade de correlações e forças que se autoproduzem a cada instante, disseminando-se como uma teia por toda a estrutura social (FOUCAULT, 2005). Assim a sociedade disciplinar levou ao nascimento de saberes e poderes em que a sujeição não se faz apenas de forma negativa de repressão, mas desenvolve-se de forma sutil, usando produções positivas de comportamentos que definem o indivíduo, segundo um padrão de normalidade. Desta feita, a disciplina aparece como um importante dispositivo que coloca em ação o poder e garante sua eficiência, trazendo novas técnicas (DEL VALLE, 2018).

Para Lauretis (1994, p. 220) somos todos interpelados pelo gênero, lembrando que a interpelação é “o processo pelo qual uma representação social é aceita e absorvida por uma pessoa como sua própria representação, e assim se torna real para ela, embora seja de fato imaginária”.

Nesse sentido, as técnicas de feminilidade, masculinidade e normalização de identidades sexuais tornam-se agentes de controle e modelagem da vida. Sob essa perspectiva, a classificação taxonômica começa práticas sexuais e desejos normais ou anormais, saudáveis ou doente e patológico (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2018).

Neste contexto, insere-se as Mulheres Trans e as travestis, como pessoas que ao nascer foram atribuídas ao sexo ou gênero masculino, mas que possuem uma identidade de gênero feminina. Para Gomes et al., (2018), pode-se dizer que uma pessoa é definida como transexual quando sente desconforto com seu sexo biológico. Ou seja, uma pessoa nasce biologicamente mulher, mas não se reconhece dessa forma.

É pertinente ressaltar que a transexualidade vem sendo cada vez mais discutida na mídia e em outros meios. Haja vista que o corpo trans ou travesti é, segundo Santos (2018) considerado inadequado, pois destoa da norma, foge do sistema regulador da sexualidade e do modo hegemônico de organização das sociedades. Essa concepção é resultante na patologização da transexualidade decorrente desses conceitos normativas da heterossexualidade que entende os corpos cis como “verdadeiros” em detrimento dos corpos trans e travestis como “falsos” ou “imitações”. Porém segundo Vergueiro (2016) a identidade trans e travesti, nada tem haver com o órgão genital do indivíduo ou com alguma patologia.

No entanto, não se pode tratar de um tema tão amplo sem questionar um dos pilares da sociedade: a diferença entre os sexos. Segundo Jorge e Travassos (2017, p. 318), “não há inscrição da diferença sexual no inconsciente”. Assim, no campo do simbólico no qual o sujeito é representado e do qual ele é efeito, a diferença sexual não encontra uma distinção certa como aquela exposta na imagem da genitália ou no real do corpo pelas ciências da anatomia, endocrinologia, embriologia e genética. Portanto, essa discussão se torna necessária, visto que os sujeitos transexuais e travestis contrariam os papéis de gênero preestabelecidos de acordo com o sexo biológico.

A sexualidade humana trata-se de uma temática presente na sociedade, forma-se e modela-se à dinâmica de qualquer sociedade ou período histórico que está sendo vivenciado. No entanto, diversas configurações foram propostas e dispostas ao longo da história humana, o que levou a cultura, a ciência e a sociedade a uma tentativa de dividir, segregar e normatizar a sexualidade. Prova deste fato são as concepções a respeito da feminilidade e da masculinidade tão disseminados, que estabelecem maneiras de existência e organizam as múltiplas práticas sociais, normatizando, "exigindo uma linearidade sem fissuras entre sexo genital, gênero, desejo e práticas sexuais" (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 572).

O gênero, por um longo tempo foi sinônimo do sexo biológico, feminino ou masculino, as definições mais comumente ouvidas são provenientes do discurso médico-psiquiátrico, os quais consideram que na mulher transexual há certo desconforto com sua genitália (LOMANDO; NARDI, 2013). Outra que existe é econômica que diz que: travesti seria a pessoa transgênero de periferia, a qual não possui condições financeiras para realizar cirurgias estéticas e passar pelo processo de hormonização (BARBOSA, 2013). Para Dalgarrondo (2008) a identidade de gênero, no caso de pessoas trans, seria o senso íntimo, pessoal, de perceber-se, sentir-se e desejar como uma pessoa do sexo designado ao nascimento, oposto. O autor ainda aponta que:

Os termos transgênero e transexual são utilizados, no Brasil, muitas vezes de forma intercambiável, para designar pessoas (geralmente adultos ou adolescentes e crianças) com incongruência de gênero/disforia de gênero. Entretanto, “transgênero” é um termo guarda-chuva, amplo, que abrange mais subgrupos de pessoas cuja identidade de gênero muitas vezes ultrapassa os paradigmas convencionais do sexo ou do gênero. (DALGALARRONDO, 2019, p. 751).

Há uma tentativa legalista, de considerar mulheres transexuais apenas aquelas que passaram por cirurgia de redesignação sexual e, desta forma, conseguiram a mudança nos documentos de identificação (VIEIRA, 2009).

Estas questões são frequentemente debatidas quando falamos sobre problemas de gênero, porém os relacionamentos afetivo-sexuais dos mesmos não costumam atrair o mesmo interesse. Para entender melhor como se dão as relações da mulher transexual, um breve histórico faz-se necessário. A maioria delas começa a encontrar dificuldade de se relacionar no âmbito das relações familiares, logo após vêm as sociais (escola/trabalho). Tais vivências norteiam suas personalidades e afetividade.

O âmbito familiar, geralmente, é o lugar onde estabelecemos nossas primeiras relações e nos apropriamos dos signos produzidos culturalmente; é nele também onde aprendemos as primeiras regras sobre identidade de gênero e orientação sexual. Embora pensemos no lar como um lugar de acolhimento, este também pode ser local de reiteração de práticas sociais violentas. Não é raro encontrar em publicações científicas relatos de pessoas LGBTQI+ que sofrem violência durante a infância ou adolescência, visto que não adequam às formas de sexualidade e gênero padrão. (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Além do grupo familiar, outro elemento de grande relevância constituinte da rede de apoio social trans, travesti seriam os relacionamentos amorosos. Frente a tais relacionamentos, os estudos apontam que há uma grande preocupação com o medo da descoberta da condição de pessoa trans e uma maior dificuldade, sobretudo por parte daquelas que não puderam realizar a cirurgia de redesignação genital (BARBOSA, 2013).

Nesse sentido Julia Kristeva, considera que causa abjeção é aquilo que “perturba a identidade, o sistema, a ordem. O que não respeita fronteiras, posições, regras. O entremeio, o ambíguo, o múltiplo” (KRISTEVA, 1982, p. 4).

### 3.1 ESTIGMAS E DISCRIMINAÇÕES RELACIONADAS À VULNERABILIDADE DAS MULHERES TRANS E TRAVESTIS

O Estigma é uma marca ou sinal que designa ao portador uma desvalorização social ou segundo a definição de Ferreira (2014, p. 4) “a situação do indivíduo que está inabilitado para aceitação social plena”. Numa perspectiva psicossocial o conceito de estigma está relacionado com a categorização de um grupo por outro, conferindo-lhe um grau inferior de status social. Atribuir um estigma está relacionado com as pré-noções, os preconceitos, os estereótipos e o medo do desconhecido, fazendo com que muitas delas sofram um tratamento preconceituoso em determinados locais e grupos sociais afetando o psíquico e até o físico.

O estigma que as mulheres trans, travestis carregam é um atributo profundamente depreciativo, que é percebido por intermédio da interação social das mesmas. O estigma destaca um traço específico do indivíduo que o sujeita à impossibilidade de atenção social para seus outros atributos, imputando-lhes assim descrédito naquilo que fala, pensa ou faz muitas vezes.

Recentemente, Furtado (2016) enfatiza a necessidade de se avançar na conceitualização e mensuração dos efeitos do estigma social. Os mesmos chamam a atenção para a intensa interação entre o nível microssocial, e o nível macroestrutural.

Pessoas trans sofrem discriminação e estigmatização de uma maneira geral nas áreas do setor saúde, educação, emprego e moradia, bem como acesso aos banheiros. A discriminação por motivos de identidade de gênero é ilegal nos termos do disposto no direito internacional de direitos humanos (ARAÚJO, 2015).

Toda pessoa tem o direito de sua identidade ser reconhecida de forma legal. As Nações Unidas afirmam o direito das mulheres trans e travestis para reconhecimento legal de sua identidade de gênero e da modificação do referido gênero no documentos oficiais, incluindo certidões de nascimento, sem necessidade submeter ao cumprimento de requisitos onerosos e abusivos (ARAÚJO, 2015).

Todavia, este direito é violado em muitas regiões do Brasil. Em alguns países, pessoas trans são negadas qualquer chance de obter o reconhecimento legal de suas identidade de gênero. Muitos dos que contemplam a possibilidade de o reconhecimento legal impõe para diversas pessoas trans condições para a mesmo possa reconhecer sua identidade como esterilização, tratamento ou cirurgia de atribuição de sexo, o diagnóstico psiquiátrico de desordem de identidade de gênero, divórcio e confinamento em instituições psiquiátricas. Na maioria dos países, menores e pessoas não binárias não têm acesso ao reconhecimento do seu identidade de gênero (BARBOSA, 2013).

O estigma e a discriminação em função da identidade de gênero estão relacionados comumente a um contexto social, econômico e psicológico desfavorável às mulheres

transgênero, que implica muitas vezes o seu envolvimento com o sexo comercial, em geral em decorrência das opções limitadas do acesso ao mercado formal de trabalho.

A discriminação pode ser entendida como um resultado prático do estigma, como definido por Strapazoli (2018) o estigma seria um profundo atributo de descrédito, uma “marca” ou “identidade desvalorizada socialmente”; a estigmatização estaria relacionada a um processo social que produz desvalorização por meio de rótulos e estereótipos; o rótulo seria um termo sancionado oficialmente e aplicado a condições, indivíduos, grupos, lugares, organizações, instituições ou outras entidades sociais, já o estereótipo estaria relacionado a atitudes e crenças negativas direcionadas às entidades sociais rotuladas; o preconceito como um endossamento de crenças e atitudes negativas relacionadas ao estereótipo; e a discriminação seriam as ações direcionadas ao endossamento e reforço dos estereótipos para trazer desvantagem às pessoas rotuladas.

Como afirmam Magno, Dourado e Silva (2018) o estigma pode ser considerado como um sinal profundamente depreciativo utilizado para afastar de um grupo dominante, algum indivíduo ou um conjunto de pessoas com determinadas características ou práticas que os diferenciem da norma, resultando em indivíduos rejeitados, objetos de discriminação e excluídos da participação em diversas áreas da sociedade, são alarmantes os números que envolvem pessoas trans no Brasil, só no de 2020 mais de 174 pessoas deste grupo foram assassinadas, tendo aumento de 41% em relação a 2019, e 72% dos assassinatos foram com profissionais do sexo, o país atualmente ocupa o primeiro lugar no ranking global, segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra).

Apesar de todos os desafios encontrados na vida em sociedade, essas mulheres cultivam em seu íntimo anseios que vão além de aceitação social, a maioria delas lidam com questões internas sofrem um licenciamento devido o entendimento de muitos de maior urgência em se criar políticas públicas que possam combater ou prevenir que esses números já citados venham a crescer ou até mesmo serem naturalizados pela sociedade (FERREIRA, 2014).

Mulheres trans e travestis que trabalham com seu corpo, porém não somente estas, sentem a necessidade de seduzir, porém nem sempre esse desejo surge da vontade de conquistar um parceiro, mas sim como um fetiche em se sentir desejada tal como qualquer mulher cis ao se arrumar para ir algum evento social (NASCIMENTO; BRÊDA; ALBUQUERQUE, 2015).

Elas por muitas vezes foram preteridas pelos seus parceiros por não se adequarem ao conceito de mulher ao qual a sociedade esta acostumada, e isso levaram muitas a problemas

psicológicos e suicídio. Porém com a maior abertura e aceitação da sociedade no que se refere a identidade de gênero, atualmente muitas não desejam mais seguir qualquer tipo de modelo de relacionamento que se aproxime do convencional.

#### **4 PROSTITUIÇÃO: CONCEPÇÕES TEÓRICAS**

A prostituição considerada como profissão mais antiga do mundo, é moralmente reprovada na maioria das sociedades, devido seus valores culturais. Em culturas demasiadamente rígidas, é perseguida e punida como delito, pois como enfatiza Vieira (2015), muito tempo houve sacralização do sexo na antiguidade, pelas sociedades da época e religiões, que reflete até hoje na sociedade atual que ainda tem a visão da prostituição como atividade imoral.

A prostituição pode apresentar-se para mulheres trans e as travestis como espaço social de construção e de aprendizado do feminino. Elas encontram, através da prostituição, um espaço para viver a identidade de gênero e se socializar, o que nem sempre é aceito em outros espaços sociais em função do preconceito. E esse mesmo preconceito também limita as possibilidades de emprego no mercado de trabalho, aproximando-as ainda mais do trabalho informal (SOUSA; FERREIRA; SÁ, 2013).

Cumprе ressaltar que a prostituição esteve presente em todas as épocas, sendo reconhecida historicamente como uma das formas mais antigas de comércio. Como discorre Vieira (2015) que pontua a prostituição caracterizada pela troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais e não relacionados ao prazer ou ao afeto, mais sim, ao dinheiro, aos benefícios pessoais e ao favorecimento profissional.

Nesse sentido, o conceito de interseccionalidade é entendido como uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais, conforme definido por Henning (2015, p.85) como “o estudo da sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação, tais como o racismo, o sexismo, classismo, xenofobia, bifobia, homofobia e a transfobia”. No entanto, todo esse arcabouço, para muitas, remete a solidão de uma vida sem definição, haja vista que vivem em pleno desconforto psicossocial, em virtude do estigma social decorrente da sua condição de mulher trans ou travesti, bem como da autocrítica diária a que muitas colocam a si própria.

#### 4.1 PROSTITUIÇÃO DE MULHERES TRANS, TRAVESTIS, E OS EFEITOS PSICOLÓGICOS: COMO SÃO AFETADAS EMOCIONALMENTE QUANTO AO FETICHE E A SOLIDÃO?

A questão do corpo em uma mulher transexual, vai mais além de implicações médicas, por isso deveria retomar-se uma questão social. Jesus (2013) aponta que desde os tempos antigos, o comércio sexual tem sido um problema onde visões muito diversas e opostas se reuniram que colocam os diferentes olhares que as pessoas têm, sobre sua ordem social. Enquanto houver aqueles que viram e temáticos de uma perspectiva naturalista, representando-o como um mal necessário, existem outras perspectivas como as promovidas por algumas correntes feministas que chegaram a qualificar, como a representação máxima da condição subordinada do ser humano.

Por outro lado, outras perspectivas, como a marxista, têm colocado ênfase analítica em sua condição de transição econômica, para a qual eles preferiram conceituar a prostituição, como "Comércio do sexo", pelo qual uma pessoa vende seu corpo ou seus "serviços sexuais" para satisfazer as necessidades sexuais de outro. Assim, nesta perspectiva, o termo prostituição seria esquivo e enganoso, em virtude das conotações morais, éticas e sociais que associado, encobriria a situação de autoexploração e geraria um estigma para quem praticam, sejam quem forem (JAYME, 2001).

Levando em consideração a crença de que o corpo é um atributo natural e que define a identidade de homens e mulheres enquanto pessoas de um sexo ou de outro, as mudanças corporais realizadas pelas travestis e transexuais implicam em dificuldade de convivência nos espaços sociais normatizados. A não aceitação familiar às leva a morar em outros ambientes. O acesso aos serviços de saúde, às políticas públicas e à circulação, em diferentes territórios e instituições, também é dificultado. Sem muita opção de moradia e meios de se sustentar, podem ir viver no contexto da rua e da noite e encontrar na prostituição um meio de sobrevivência, o que as coloca em situação de risco (JESUS, 2013).

Nesse contexto, as identidades transgêneros, quando expressados na sociedade, tendem a empurrar as travestis e transexuais para uma situação de vulnerabilidade social, marcada pela fragilidade dos vínculos de trabalho ou das relações sociais, e que determina uma restrição na participação social destas pessoas em igualdade de direitos, caracterizando a condição de desvantagem social. Este processo afeta a autonomia, os direitos e o empoderamento pessoal e social das mesmas (BRUNS; PINTO, 2003).

Dos muitos efeitos que podem sentir as mulheres trans e travestis quando inseridas no lugar do fetiche no sexo, a desamparo é preponderante. Uma espécie de solidão própria dessas mulheres e uma angústia de está nesse não lugar social se manifestam de forma intensa e adoecera nessas mulheres. Lembra Goulart (2018) que o desamparo é constituinte do humano e que faz parte de se tornar sujeito que outro deseje aquele nasce, que invista nele, que o suponha, de modo que seja possível que este responda com sua subjetividade, forjando-se sujeito. Nesse percurso da alienação a esse outro fundamental, o sujeito terá que fazer luto dessa junção, construindo uma separação se necessária que implica em reconhecer e assumir uma solidão constituinte.

Além dessa experiência que é imposta a todo humano, uma mulher trans e travesti é afetada por uma solidão e desamparo de outra ordem, consequência de uma dura exclusão social e não reconhecimento de suas identidades. Existir e sentir em uma sociedade que não reconhece sua forma de vida implica que sua subjetividade seja afetada diretamente por essa dinâmica. Quando esse contexto se manifesta na família primária, ele se torna ainda mais promotor de solidão. Se por família se entende aquelas pessoas que acolhem, que são o primeiro espaço onde se aprende o que é sociedade, a exclusão nesse grupo pode se tornar imensamente devastador. Neste sentido, a solidão dessas mulheres inicia com uma experiência de ruptura de vínculos com genitores e cuidadores mais próximos, impondo exclusão de direitos básicos na maioria das vezes em idade e situação economicamente vulnerável (SILVA, 2015).

É comum perceber-se diferente e estranho quanto à descoberta da sexualidade na infância e adolescência, esse tempo se torna para mulheres trans e travestis com mais dificuldades específicas. Silva (2015) enfatiza que a construção da sexualidade é perpassada pela elaboração de sentidos, e neste viés, os dizeres e fazeres da sociedade se tornam fundamentais para que os sujeitos possam fazer seu percurso naquilo que é possível nesse tempo, incluindo receber o apoio necessário para tanto. De forma controversa ao que é necessário, uma adolescente que não se identifica com seu corpo biológico e necessita fazer outras construções subjetivas se depara com o desamparo de construir um corpo rejeitado em sua origem social. Isso implica em um sofrimento psicológico para essas mulheres que entre os diferentes seu corpo ainda é mais diferente, que entre os estranhos, sua estranheza é maior.

Ademais, a violência que a sociedade impõe a essas mulheres é de uma total eliminação. A intolerância à existência dessas mulheres traz como consequência a estas um sofrimento psicológico, que para muitas, persiste em toda sua vida. O trabalho de Passos (2017) destaca que se identifica um sofrimento particular nas mulheres que experienciam

violência em seus relacionamentos. Seja a violência na família ou violência com parceiros amorosos, um dos efeitos dessa violência é o desamparo da mulher com contornos de uma devastação. Questionar o que é ser mulher, e ser mulher trans e travestir nesse lugar do fetiche esbarra na solidão que é imposta a essas mulheres como normal na construção social.

Neste sentido, o desamparo dessas mulheres é reforçado por uma destruição de suas identidades, de um apagamento de sua subjetividade de mulher trans e travestir implicando a essas mulheres uma solidão a mais. Não sendo aceitas socialmente e sendo inseridas apenas como objetos, essas mulheres são determinadas a viver um lugar de descarte e uso, servindo as fantasias enquanto permanecem nesse lugar, sendo apagadas a sua existência como sujeitos e cidadãs de direitos. O desamparo social se apresenta como lei, excluindo possibilidades e oportunidades, trazendo como consequência diversas formas de adoecimentos emocional. Para elas é necessário elaborar esse contexto social de perda e não lugar, exigindo um trabalho psíquico que não é imposto a mulheres determinadas com o sexo biológico (GOULART, 2018).

Como afirma Menezes (2012) o desamparo pressupõe que outro exista. Isso significa considerar a proteção necessária, o auxílio para determinadas situações. Se todo ser humano tem sua dimensão de desamparo, para a mulher trans e travestir, o desamparo é encarnado em seus corpos e vidas que são alvo de abandono e solidão. Esse contexto aponta uma vida a margem não somente social, mas também a margem emocional, quando o auxílio psicológico para essas mulheres é negado ou não garantido. Existindo sem existir, essas mulheres precisam impor suas vidas, lutar apenas para existir em uma sociedade que as determina apenas como objeto de seu fetiche.

Por ser a solidão estruturante no sujeito, a solidão e os sentimentos que emergem no sujeito o convocam a fazer algo com isso que lhe constitui. Se em angústia o sujeito esta sempre em busca do objeto que perdeu, isso não significa que exista um objeto que sane a angústia, que resolva a solidão ou desamparo. Há um entre, entre aquilo que faz o humano e aquilo que a sociedade faz o sujeito viver. Por isso, a sociedade deve reconhecer sua responsabilidade na forma como o desamparo e a solidão afeta a mulher trans e travestir. Enfatiza Pereira (2008) que o sujeito se defende do desamparo e da solidão, porém o tratamento pela via simbólica se faz necessário para que alguma saída seja possível diante destes. Fazer um atravessamento desses estados implica em um trabalho psíquico que requer esforço do sujeito de costurar outros sentidos para o desamparo e solidão que não é apenas parte de sua intimidade, mas também imposição social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Referente aos tópicos abordados se confirma a hipótese apresentada, onde a marginalização presentes na vida das mulheres trans, travestis reforçam os estereótipos de que seria apenas um corpo sexual, não dignas de afeto, amor e humanização, considerando-as como não pertencentes ao contexto social diário, mas sim mulheres da noite, a mercê da repressão e fetiche daqueles que querem possuí-las em segredo, não sendo possibilidade de companhia, objetificando-as.

Esse conjunto de preconceitos, e hipersexualização trazem consequências que impedem o acesso dessas mulheres aos seus direitos básicos e geram fragilidades emocionais, sendo resultado desse fetiche o reforçamento da solidão que infelizmente é presente desde muito cedo na vida das mesmas, advindas da exclusão social, como no âmbito do trabalho que não lhe veem como funcionárias possíveis, no contexto educacional que impõe regras de como se apresentar, e o preconceito dos demais que constrange e afasta o acesso a educação, no âmbito familiar muitas vezes não se tem apoio emocional, e repreende a discussão sobre identidade de gênero, sexualidade, chegando a cortar o vínculo, e o descaso da justiça que não protege quando há violência direcionadas a essas mulheres.

Explicitados os motivos destes efeitos psicossociais se mostra a necessidade e importância que essa temática seja discutida, pois a discriminação alimenta negativamente essas pessoas, que precisam e tem o direito de terem espaço em todos os âmbitos na sociedade, que se sintam legítimas, e ouvidas não só pela comunidade LGBTQI+ e que a inserção em outras profissões daquelas que não querem trabalhar com o sexo sejam permitidas e essa mudança não é algo instantâneo, a prostituição sendo o único local que acolhe nunca deve ser romantizada.

Mostrando-se extrema importância de mais Políticas públicas que possam garantir direitos, combatendo o preconceito e prevenindo que a discriminação seja naturalizada, e que a taxa de mortes seja diminuída e não expandida a cada ano, que a inserção de mulheres trans e travestis em todos ambientes possa ser frequente, pois são pertencentes onde queiram, não podendo esquecer o quão necessário é fomentar discussões sobre saúde mental dessas mulheres, visando o autocuidado.

Trazer à tona a realidade da mulher trans, travesti que trabalha com a prostituição não tem como objetivo apenas expor a marginalização e seus efeitos psicossociais, mas sobrelevar

o quão estas mulheres são resistência em ser quem são, opondo-se ao status vigente e que necessitam obter do que o departamento de direitos humanos e cidadania pontua ,onde toda pessoa deve ter o direito de ser, pensar, crer e manifestar-se ou amar, sem ser alvo de humilhação ou opressão, enfatizando a promoção a saúde e qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, CB; VASCONCELLOS, VA. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo? **Revista direito gv | são paulo** | v. 14 n. 2 | 302-333 | maio-ago 2018.
- ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**, 9(1), 49-63. 2006.
- ARAÚJO. MC. Por que os homens não estão amando as mulheres trans? **Blogueiras Negras**. 2015. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2015/10/17/por-que-os-homens-nao-estao-amando-as-mulheres-trans-2/> Acesso em: 04 jun 2020.
- BARDIN L. **L'Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977.
- BRUNS MAT, PINTO MJC. **Vivência transexual**: o corpo desvela seu drama. Campinas, SP: Editora Átomo; 2003.
- BENTO, B.; PELÚCIO, L. Despatologização do Gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, 2012. 20(2), 256-266.
- BARBOSA, BC. "**Doidas e putas**": usos das categorias travesti e transexual. *Sex., Salud Soc. (Rio J.)*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 352-379, Aug. 2013. Disponível em: <<https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/8946/STRAPAZOLI.%20Trajet%C3%B3rias%20afetivas%20de%20travestis%20e%20mulheres%20trans..pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 08 jun 2020
- DEL VALLE, S. **O conceito de poder disciplinar no pensamento de Michel Foucault**. ISSN 1984-3879, SABERES, Natal RN, v. 18, n. 3, Dezembro, 2018, 249-258. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/14724-Texto%20do%20artigo-53311-1-10-20190131.pdf>> Acesso em: 04 ago 2020.
- DALGALARRONDO, P. Capítulo 37- sexualidade e psicopatologia. Em: **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. 751.
- FERREIRA, GC.L. et al. Implicações da relação entre estigma internalizado e suporte social para a saúde: uma revisão sistemática da literatura. **Estudos de Psicologia**, v.19, n.1, p.77-86. 2014.
- GOULART, A A. Ser si mesmo e tolerar a solidão. **Revista Psicanálise em Revista ; 11(1): 11-20, 2018**. Disponível em: <http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/02.-Adalberto.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2021.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FURTADO, J P. et al. **A concepção de território na saúde mental**. Cadernos de Saúde Pública, v.32, n.9, e00059116. 2016.
- GIL, AC. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4 ed. São Paulo: atlas 2007.

GOMES, R; MURTA, D; FACCHINI, R; MENEGHEL, SN. Gênero, direitos sexuais e suas implicações na saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. ISSN 1413-8123 On-line version ISSN 1678-4561. 2018. Disponível em:

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232018000601997&lang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000601997&lang=pt). Acessado em: 27 jul. 2020.

HENNING, CE. **Interseccionalidade e pensamento feminista**: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações*, Londrina, v. 20 n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.

JAYME GJ. **Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais**: identidade, corpo e gênero. Belo Horizonte: PUC; 2001. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel3/JulianaJaime.pdf>. Acesso em: 12 set 2020.

JESUS JG. **Transfobia e crimes de ódio**: assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: Maranhão Fo EMA, organizador. (In) Visibilidade Trans 2. História Agora. 2013;16(2):101-23. Disponível em: <http://jaquejesus.blogspot.com.br/2015/08/transfobia-e-crimes-de-odio.html>. Acesso em: 12 set 2020.

JORGE, MAC; TRAVASSOS, NP. A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização. **Revista Latino americana de Psicopatologia**. Fund., São Paulo, 20(2), 307-330, jun. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v20n2/1415-4714-rlpf-20-2-0307.pdf>> Acesso em: 02 ago 2020.

KRISTEVA, J. **Powers of Horror – An essay on abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LOMANDO, E.; NARDI, H. C. Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. **Saúde em debate**, v. 37, p. 493-503, 2013.

LAURETIS, TD. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MICHEL, MH. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2005.

MAGNO L; DOURADO I; SILVA LAV. Estigma e resistência entre travestis e mulheres transexuais em Salvador, Bahia, Brasil. **Cad Saúde Pública** 2018; 34:e00135917.

MENEZES, L. S. **Desamparo**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2012.

NASCIMENTO, YC.M.L.; BRÊDA, MZ.; ALBUQUERQUE, MC.S. O adoecimento mental: percepções sobre a identidade da pessoa que sofre. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v.54, n.19, p.479- 490. 2015.

PASSOS, C. F. **Amor feminino: do desamparo à devastação**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, 2017. Disponível em: <http://www.pgpsi.ip.ufu.br/node/515>. Acesso em 30 de maio de 2021.

PEREIRA, M. E. C. **Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico**. São Paulo, SP: Escuta, 2008.

PERUCCHI, J; BRANDÃO, BC; VIEIRA, HIS. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, 2014.

SANTOS, BS. **Esquerdas do mundo, uni-vos!** São Paulo: Boitempo. 2018.

SILVA, RGLB, et al. Os impactos das identidades transgênero. **Revista Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**. 2015 set.-dez.;26(3):364-72. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/88052>. Acesso em 30 de maio de 2021.

SOUSA, PJ; FERREIRA, LOC; SÁ, JB. Estudo descritivo da homofobia e vulnerabilidade ao HIV/Aids das travestis da Região Metropolitana do Recife, Brasil. **Revista Ciência e saúde coletiva [online]**, v. 18, n. 8, p. 2239-2251, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000800008>. Acesso em: 29 abr. 2020.

STRAPAZOLI, C. **Trajetórias afetivas de travestis e mulheres trans**. 2018. Disponível em: <<https://riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/8946/STRAPAZOLI.%20Trajet%C3%B3rias%20afetivas%20de%20travestis%20e%20mulheres%20trans..pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 04 jun 2020.

SHELLER, F. **O fator “trans” na vida profissional**. Estadão. 12 fev. 2017. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,o-fator-trans-na-vida-profissional,70001662355>. Acesso em: 29 abr. 2020.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade (dissertação). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Miltons Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil, 2016.

VIEIRA, MS. Deslocamentos femininos e prostituição. **Revista Estudos Feministas**, vol.23 no.2 Florianópolis May/Aug. 2015. ISSN 0104-026X. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2015000200629](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000200629). Acesso em: 03 ago. 2020.

VIEIRA, TR. Nome e sexo: mudança no registro civil. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 2009.